



CENSUR(A-R-TE) DO QUEER: SILENCIAMENTO EM MUSEUS E EXPOSIÇÕES BRASILEIRAS

Renata Duarte ¹
Dra. Louise Prado Alfonso ²

RESUMO

A maior parte dos museus brasileiros têm se mostrado espaços segregadores e de censura de certas narrativas, principalmente às relacionadas a comunidade e movimento LGBTQ+. A partir disso, este estudo tem por objetivo analisar qualitativamente a exposição “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” enquanto espaço de resistência *queer* em tempos de silenciamento e opressão, possuindo como paralelo a exposição LGBTQ+ “EuExisto”, ocorrida no município de Pelotas – RS ao longo da Semana da Diversidade no ano de 2018. E, assim, refletir sobre como a crescente dos movimentos conservadores no Brasil tem influenciado no aumento dos ataques e censura às artes e suas manifestações, já que esta é entendida enquanto uma maneira de quebrar com as normativas sociais uma vez que é uma das formas que o ser humano encontrou para expressar suas ideias e sentimentos (ALMEIDA; ESPER 2018). Desta forma, é possível compreender que a realização de exposições e eventos artístico-culturais como Queermuseu e EuExisto e a criação de museus como o Museu da Diversidade Sexual são fundamentais para a desconstrução dos relatos hegemônicos que integram a maioria das entidades brasileiras.

Palavras-chave: Queermuseu, Museu, Arte, Censura.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, grande parte dos museus têm se mostrado enquanto espaços de segregação e silenciamento de determinadas narrativas, em especial se tratando da comunidade LGBTQ+ e dos movimentos sociais como um todo. Como evidenciam Baptista e Boita (2014), há um processo de “proteção das missões” destas instituições, mesmo as comunitárias, que não incluem as questões LGBTQ+ devido às suas construções terem se dado em meio a contextos LGBTQ+fóbicos. No Brasil, o veto e a censura nas artes têm sido crescentes nos últimos anos, em todos os âmbitos que envolvam temáticas relacionadas ao movimento LGBTQ+ e *queer*, principalmente, relacionado ao crescimento de movimentos político-sociais extremistas e conservadores.

Com a maior notoriedade que tais movimentos têm ganho nas mídias na última década, instala-se uma onda conservadora que passa a atingir tanto direta, quanto indiretamente, a

¹ Graduando do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal de Pelotas - UFPel, renata.duarte7@outlook.com;

² Professora orientador: Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPel; louiseturismo@yahoo.com.br



liberdade de expressão nos meios artísticos, seja com o veto de peças de teatro e outras manifestações artísticas (forma direta), como exposições e performances, quanto nos museus e suas coordenações (forma indireta). E ainda que hajam entidades com uma pequena parcela dos colaboradores dispostos a repensar as propostas e objetivos destas, visando expandir os horizontes, o surgimento de forças tradicionalistas nesses espaços, muitas vezes, resulta em situações e reações extremas, como a exoneração de Girlene Chagas Bulhões do cargo de diretora do Museu das Bandeiras (Muban), após o episódio da Semana do Babado, em 2012. Houve a montagem da primeira exposição temporária em museus mantidos com fundos federais que contemplasse a história e a memória LGBT do país (BAPTISTA; BOITA, 2017), tornando o espaço, então, em um Museu de Todas as Bandeiras e, não mais, apenas dos bandeirantes.

A existência de instituições e exposições que abordem e deem visibilidade para outras formas de pensar as identidades e expressões de gênero, sexualidades e performatividades é fundamental para resistir em tempos de elevado preconceito, intolerância e desrespeito com tudo aquilo que diverge do padrão de cis-heteronormatividade estabelecido socialmente. Assim, a arte é entendida enquanto uma maneira de quebrar com as normativas sociais uma vez que é uma das formas que o ser humano encontrou para expressar suas ideias e sentimentos (ALMEIDA; ESPER 2018).

Neste sentido, a exposição “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, configura-se como um importante exemplo a ser analisado. Ocorrida no ano de 2017, no espaço Santander Cultural, foi fechada devido às pressões feitas pelo Movimento Brasil Livre (MBL) e por outros movimentos conservadores e, posteriormente, foi reaberta no ano de 2018, se configurando como um dos marcos da atual censura brasileira, intensificada nos últimos dois anos. Tal fato evidencia a importância de espaços culturais que promovam a abertura para outras histórias e relatos que geralmente têm suas vozes apagadas diante de uma política de exclusão, que também se espalha para os museus, sobretudo em meio ao atual contexto político brasileiro.

Este estudo tem por objetivo analisar qualitativamente a exposição “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” enquanto espaço de resistência *queer* em tempos de censura e opressão, tendo como paralelo a exposição LGBTQ+ “EuExisto” ocorrida ao longo da Semana da Diversidade da cidade de Pelotas – RS, no ano de 2018. E com base nisso, refletir sobre como a crescente dos movimentos conservadores no Brasil tem influenciado no aumento dos ataques e censura às artes e suas manifestações, à liberdade de expressão, pois para os moralistas a arte contemporânea passa por um momento de curto-circuito cerebral dos ditos

especialistas em arte, que não compreendem mais o objetivo principal do ato artístico: expor o belo (ZEN, 2018).

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica foi fundamental para a elaboração do estudo, partindo de outros já realizados no âmbito das artes visuais, como por Sirtoli e Brandão (2018), Almeida e Esper (2018) e Zen (2018) que destacam como a crescente onda de movimentos conservadores no Brasil têm influenciado na ocorrência de censura no meio artístico. E igualmente as pesquisas efetuadas por Baptista e Boita nos últimos anos buscando entender as disparidades existentes em relação às temáticas LGBTQ+ e os museus, principalmente os localizados em solo brasileiro, se fizeram essenciais para melhor compreender a posição de grande parte das instituições com relação a temáticas destoantes da normativa.

Da mesma forma, usou-se o videoarte “elevada condição do iletrismo brasileiro”, que se utilizou de apropriação de áudio-ação e comentários-posts facistas em redes sociais pós fechamento da exposição de arte queermuseu (BICHO, 2017), o qual auxiliou no processo de agrupamento de informações e mensagens de repúdio para compreender a relevância da exposição, como um todo, em frente aos movimentos ultraconservadores.

Realizou-se também análise das notas etnográficas feitas no decorrer do primeiro dia e abertura da exposição “EuExisto”, no dia 23 de novembro de 2018, na cidade de Pelotas – RS, para a construção de um ensaio etnográfico que para Peirano (2014), ocorre por meio da necessidade de analisar determinados eventos observados ou vividos, que tenham surpreendido o pesquisador.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A exposição “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” teve sua primeira apresentação em 2017, no Santander Cultural, em Porto Alegre, se propondo a ser um museu de caráter metafórico, que viesse a instigar, questionar e provocar investigações com relação ao caráter heteronormativo e patriarcal que rondea os museus. Este gerou diversas controvérsias e represálias por parte de determinadas instituições religiosas e movimentos político-sociais, que alegavam a existência de obras que traziam apologia a zoofilia e pedofilia, resultando no cancelamento da exposição.

No entanto, em agosto de 2018, com a realização de um financiamento coletivo, que foi a maior campanha feita no Brasil, tendo sido arrecadado 1 milhão de reais, a exposição voltou a ser aberta ao público na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage, na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 18 de agosto e 16 de setembro. Tal fato representou a resistência e militância por parte de uma grande movimentação social de forma que as diferenças pudessem ser evidenciadas e, assim, colocadas em pontos de questionamento não apenas enquanto arte, mas também das instituições museus e a maneira a se tratar as exposições.

Dentre as obras expostas que receberam maior crítica se encontraram “Travesti da Lambada e Deusa das Águas” (figura 1) de Bia Leite, a qual compunha a série “Criança Viada”, projeto criado por Iran Gusti e iniciado em 2013 por meio da plataforma Tumblr, que reuniu relatos e fotografias de pessoas em poses ‘não-normativas’, problematizando os estigmas que o preconceito de gênero provocam nas crianças que não se enquadram no padrão gênero socialmente estabelecido (SIRTOLI; BRANDÃO, 2018).



Figura 1 - "Travesti da lambada e Deusa das águas", 2013. Disponível em: <
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>>.

No videoarte “elevada condição do iletrismo brasileiro”, em que são apresentados comentários retirados da página no Facebook do Santander Cultural a respeito da exposição Queermuseu enquanto o áudio de uma filmagem ilegal feita por um visitante reacionário é passado ao fundo. Neste é possível ouvir um dos visitantes dizer diante da obra que seria “praticamente prostituição infantil”, “nem mesmo um travesti vai concordar com isso aqui” e que “nem mesmo um travesti vai pegar e dizer que ser travesti é uma coisa boa para uma criança”, discursos transfóbicos que se repetiram ao longo dos comentários feitos no Facebook, além de acusações de incentivo a pedofilia.

Outra obra que gerou incômodo e críticas foi “Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva” (figura 2) de Fernando Baril, ao representar Jesus Cristo com múltiplos braços e pernas, cada um sendo apresentado de uma maneira em referência a deusa hindu Shiva. Muito do descontentamento se refletiu em comentários como “arte? foi total desrespeito com minha religião e meu deus” e “vocês humilharam cristo, jogaram pedras e desonraram o nome de deus, que lixo é esse que vcs expuseram?”, os quais em grande parte, se não em sua totalidade, apresentam declarações de intolerância religiosa, apontando o cristianismo enquanto religião hegemônica.

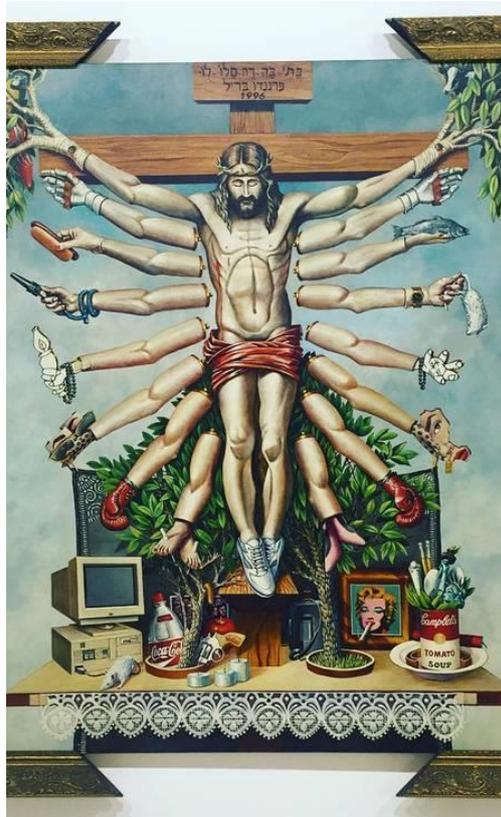


Figura 2 - "Cruzando Jesus Cristo com Deusa Schiva", 1996. Disponível em: < <https://bzfd.it/2o9jMPW>>.

A obra “Cena de interior II” (figura 3) de Adriana Varjão foi a que mais recebeu críticas dentre todas as 263 produções exibidas devido as cenas eróticas retratadas, tendo comentários tais como de pessoas enojadas, sendo “lamentável ter pessoas defendendo essas imagens repugnantes como artes! desprezível” e que “borrões de depravação pornográfica de doentes mentais não é arte, é lixo sem direito à reciclagem”. Desta forma as obras são tiradas de contexto e os diálogos e narrativas são apagados antes mesmo do questionamento em si.

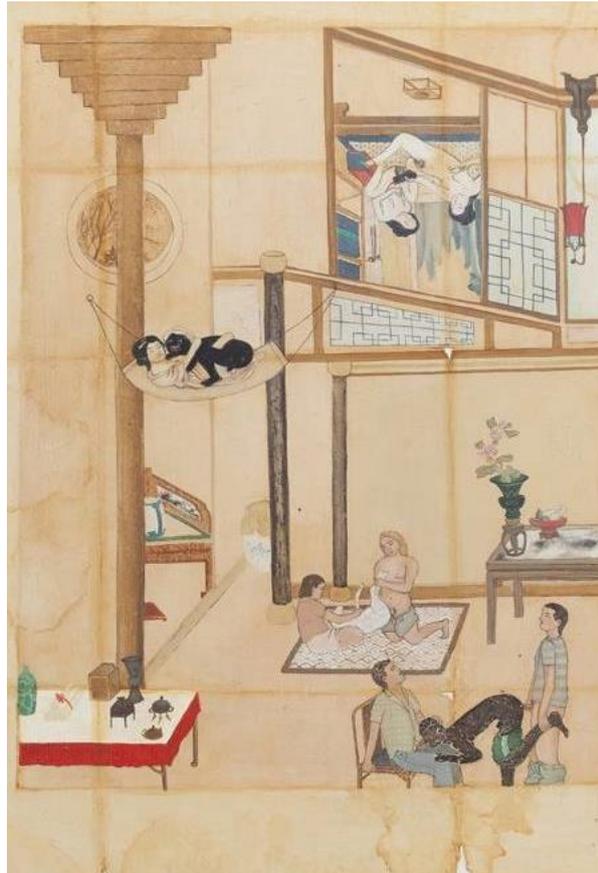


Figura 3 - Cena de interior II, 1994. Disponível em: < <https://bzfd.it/2o9jMPW>>.

Nisto, Zen (2018, p.14) defende que:

Ao solicitar espaços de fala através do discurso artístico, o Queermuseu adentra a disputa do campo da linguagem porque exige para si um diálogo possível. Enquanto alguns gritam pedófilo, é preciso que a classe artística escute e responda de maneira a fazer a manutenção desse diálogo. Nessa estrutura de poder, são os movimentos normatizantes que ganham com o esvaziamento (apagamento) das palavras.

A existência de uma elite conservadora que na maioria das vezes gere ou coordena a rede de museus do país, colabora para legitimar a exclusão social no atual cenário político, em que há a censura por parte do governo, a censura por parte do museu e até a autocensura (quando um artista sabota a si mesmo, por medo da resposta do público acerca de seu trabalho) (SIRTOLI; BRANDÃO, 2018). Assim, é notável que a construção da experiência estética, ética e política, mediante o contato com as artes, passa a ser alvo de destruição em contextos autoritários (ZEN, 2018), principalmente em espaços tradicionalistas e reacionários.

Para Fidelis (2018, p.2), curador da exposição:

Essa disputa reflete aquela pelo domínio do corpo através do gênero e da sexualidade que se entende agora sem limites e galvanizou como nunca o extenso debate que reflete a dimensão e a importância dessas questões para o futuro do conhecimento e da democracia no Brasil,

considerando-se o impacto da censura e a defesa da liberdade de expressão em seu sentido mais amplo.

A partir de frases “que arte é essa que afronta a dignidade de crianças, e a religiosidade dos cristãos e a família brasileira” e “total repúdio a qualquer tipo de ‘arte’ que humilhe símbolos religiosos” presentes no videoarte é possível identificar a exclusão existente nos discursos e a deturpação do que se entende como manifestação artística e liberdade de expressão de outros discursos.

O mesmo também ocorre em outros comentários como “arte? onde estava a arte? no porão talvez, pq o que estava exposto foi uma afronta a família e aos cristãos como um todo”, “isso não é arte nem aqui nem na pqp” e “prestem atenção no que expõem! nem toda porcaria a se pintar num papel é arte!”. Assim, a arte torna-se insuportável porque diz aquilo que se quer negar ou esconder (ZEN, 2018), principalmente quando se coloca em espaços dominados hegemonicamente por narrativas que concernem a uma elite, como no caso da exposição LGBTQ+ “EuExisto” ocorrida na cidade de Pelotas, em um dos casarões pertencentes aos antigos senhores do charque.

Componente da programação da Semana da Diversidade de 2018, “EuExisto” foi realizada por um dos grupos de Produção Cultural do segundo semestre de 2018 da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), visando questionar o existencialismo LGBTQ+ na sociedade, entendendo os diversos desafios que acompanham a comunidade durante a vida, desde sua autoafirmação, passando pelo preconceito e a necessidade imposta de ter que lutar por aceitação (no que diz ao respeito) e, até, a luta por direitos igualitários (EXPO.EUEXISTO, 2018).

A exposição ocorreu em um local de destaque no centro histórico da cidade de Pelotas, trazendo obras que, assim como no Queermuseu, questionavam as normas sociais e, também, abordavam a temática da violência sofrida pelas pessoas LGBTQ+, outras mostravam o curioso e o diferente. Entretanto, o que pareceu atrair mais visitantes foi o fato de se decorrer em um dos casarões antigos, marcados pela época do charque durante a escravidão, valorizando, assim, a voz de parte da população em um local tido por muitas décadas como elitizado, frequentado unicamente pela hegemonia branca e heterossexual.

Uma das obras que aparentou chamar mais atenção do público foi “Nascem outros 10 mil” (figura 4) de César Couto, em que se encontra um pênis com a parte final da oração “Pai Nosso” escrita, em cima da bandeira LGBTQ+ e sangrando. Esta foi imensamente criticada por “ser uma ofensa a deus”, muito semelhante ao ocorrido no Queermuseu com relação a obra de Adriana Varjão.



Figura 4 - Nascem outros 10 mil, 2018. Arquivo pessoal do autor.

Durante entrevistas com visitantes da exposição foi possível perceber a importância de um evento como aquele ocorrer, ainda mais consideram o cenário político e todo o contexto envolvendo o momento. Dentre as falas a necessidade de haver mais exposições relacionadas a temática LGBTQ+ e a continuidade em ações daquele tipo se fizeram presentes, tal como o fato de que “quanto mais as pessoas verem, mais vai se tornar parte do ‘normal’, do dia-a-dia”, como evidenciado por um interlocutor.

Em um outro momento houve a afirmação de outra interlocutora que acreditava que “elas (as obras) têm que estar na rua, não trancadas, escondidas em um lugar como esse, apesar da importância de estar nesse espaço, onde aconteceu tanta coisa”. As instituições museus passam a ser vistas como estacionadas e “trazer as obras para a rua” significaria dar vida a essas narrativas que dificilmente são colocadas em evidência, mas que não por isso possuem menos importância social. Em grande parte, isto ocorre devido à extensa onda conservadora e tradicionalista que passa a se instaurar nos museus, locais que sempre foram espaços de exclusão, e, agora, integram o retrocesso e a pouca abertura que há para liberdade de expressão.

Baptista e Boita (2014, p.3) afirmam que:

No Brasil, a ideia de um museu trans ou LGBT demora a pegar: seja pela força da homo, lesbo e transfobia que domina as políticas culturais, seja pelo lugar do museu no Brasil, intencionalmente excludente, que teima em coquetéis e escandalosos banquetes do mais do mesmo ao invés de se democratizar.

Desta maneira, a realização de exposições e eventos artístico-culturais como Queermuseu e EuExisto e a criação de museus como o Museu da Diversidade Sexual, localizado na cidade de São Paulo, são fundamentais para a desconstrução dos relatos hegemônicos que integram a maioria dos museus brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A quebra da dominação histórica da elite por parte dos museus, difundidos enquanto conservadores, e a instituição de novos conceitos e maneiras de expor, retratar, podendo integralizar outras comunidades e narrativas para dentro dessas instituições traz consigo uma esperança em meio a um momento conturbado de silenciamento no contexto sociopolítico brasileiro, passando os museus a serem espaços de reivindicação justamente por reforçar tais narrativas.

Ao longo dos anos houveram aberturas em meio a alguns museus de arte brasileiros que permitiram a criação de eventos mais inclusivos em certas entidades, como no caso da Semana do Babado e o Museu das Bandeiras (Muban) e o projeto Memória LGBT no Museu de Favela. No entanto, ainda que os museus de arte possuam maiores possibilidades para tais debates do que os históricos, o conservadorismo das últimas décadas que se torna mais evidente desde o ano de 2014, corrobora para um retrocesso nos processos de reivindicação de relatos e discursos.

O movimento de resistência em razão da existência tem ocorrido ao longo do país a partir de exposições como o Queermuseu e a EuExisto. No entanto, é necessário repensar os museus e as artes se baseando nos processos de censura que têm ocorrido ao longo de todo país e, assim, compreender o impacto que essas manifestações artísticas têm na sociedade.

ALMEIDA, C. D., ESPER, H. **Diversidade e redes de silenciamento na exposição de arte Queermuseu.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018.

BAPTISTA, J. BOITA, T. **Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo.** Cadernos de Sociomuseologia, [S.l.], v. 54, n. 10, julho 2017.

BAPTISTA, J., BOITA, T. **Protagonismo LGBT e museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero.** Cadernos do CEOM, v. 27, n. 41. 2014.

BBC News Brasil. **'Queermuseu', a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio.** 2018. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>>. Acesso em: 04 out 2019.

Elevada condição do iletrismo brasileiro. Direção e produção de Gabriel Bicho. Gabriel Bicho, 2017. Acessado em 27 set 2019. Disponível em: <https://www.gabrielbicho.com/videografia/elevada-condicao-do-iletrismo-brasileiro/>.

FIDELIS, G. **Queermuseu e o enfrentamento do fascismo e do fundamentalismo no Brasil em defesa da livre produção de conhecimento.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Iluminuras, Porto Alegre, v. 19, n. 46, p. 417-423, jan/jul, 2018.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método.** Universidade de Brasília. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

SIRTOLI, G. S., BRANDÃO, C. M. M. **A censura e a abordagem do 'queer' nas artes visuais.** Revista Seminário de História da Arte. v. 1, nº 07. 2018.

ZEN, R. L. **A supressão do outro no episódio do Queermuseu: A liberdade de expressão sob coerção e o que pode o artivismo queer.** Palíndromo. v. 10, n. 21. Santa Catarina, 2018.